

Terça feira 14 de Julho de 1812.

Fallai em tudo verdades

A quem em tudo as deveis.

Sá e Miranda.

Reflexões sobre a Emancipação dos Catholicos Irlandezes, debatida no Parlamento britanico na ultima Sessão do anno corrente.

A Emancipação dos Catholicos Irlandezes tem servido, ha muito tempo, de pretexto a huma luta Literaria em cada Sessão do Parlamento. Luta, em que os membros de ambos os partidos ostentão a sua força, e a sua eloquencia, abrindo por este modo huma porta, pela qual, no andar do tempo, pertendem subir ás honras, e aos emprêgos da maior influencia.

O Principe Regente, depois que lhe levantáram as restricções do poder, tem-se mostrado propenso a favor dos Catholicos, ou seja pela conhecida liberalidade de seus principios, ou pelas relações intimas de estima com os amigos da causa Irlandeza: esta propensão de S. A. R. tem dado hum novo interesse ao conflicto da eloquencia da ultima Sessão; conflicto, a que se póde dar o titulo de *Fogos Catholicos*, porque esta luta he hum assalto d'Arte Oratoria, como se praticava antigamente na *Grecia*. A questão tem estado até agora indissolúvel; e de Sessão em Sessão, diz hum dos Membros, ella caminhará inevitavelmente á guerra civil, a huma revolução, ou a huma mudança de Dynastia.

Os Irlandezes reclamão a sua Emancipação alegando os Direitos do homem; e os da opposição alegão os Direitos sobre os quaes a sociedade está fundada. Os Protestantes temem admitir os Catholicos ao gôzo de huma perfeita igualdade porque se lembrão, que o Catholicismo foi causa das revoluções da *Gran-Bretanha*; e os Irlandezes reclamando a tolerancia querem entrar nos Direitos de *Conyassallos*, e *Concidadões* do mesmo Governo.

M. Grattan, que advoga pelos *Irlandezes* diz, que se o Parlamento lhes não concede as suas petições, elles as conseguirão á força; e que no caso de huma invasão da parte dos *Francezes*, a *Inglaterra* verá que todos os *Catholicos* hão de seguir o partido de *Bonaparte*. Que o estabelecimento da *Igreja Anglicana* he muito justo, mas que este estabelecimento não deve fazer escravos aos subditos, que seguem outra Religião.

M. Perceval diz, que os *Catholicos* estão sempre promptos a receber concessões, e nunca a fazellas: que os dous grandes pontos, que o Parlamento exige, são: garantia contra huma influencia estrangeira, e segurança do estabelecimento *Britanico*; e que isto he justamente o que os *Catholicos* não tem já mais offerecido. Por tanto não se lhes póde dar com segurança o que elles pedem.

Sir John Nicholl diz, que concedendo-se a Emancipação aos *Catholicos* não haverá mais segurança para a constituição estabelecida em tempo da gloriosa revolução: que he imprudencia discutir a questão abstracta dos Direitos do homem, quando ella se encontra com os Direitos da sociedade civil, tal qual está estabelecida; e que para se consentir no qual pertencem os *Catholicos* he preciso alterar a constituição, e pôr em perigo a Ordem Social. Que huma infeliz experiencia havia mostrado aos antepassados, que não podião existir duas Religiões em hum Estado, porque esta disconcordancia ameaçava a segurança pública. Que a doutrina dos *Catholicos* dava aos Pastores muita influencia sobre as ovelhas: que os *Catholicos* são muito submissos aos seus Padres, e que esta influencia Sacerdotal podia ser perigosa maiormente agora, que o poder *Catholico* está nas mãos da *França*. Que os *Protestantes*, e os *Catholicos* não pôdem marchar no mesmo pé, assim como dous astros não se pôdem mover na mesma esphera; e que em fim os *Irlandezes* erão muito turbulentos; por tanto que o Governo deve ser sempre *Protestante* para segurar á *Inglaterra* as suas liberdades civis, e religiosas.

Aqui tem os nossos Leitores hum resumo extractado de longas paginas sobre a contenda da *Irlanda* com a *Gran-Bretanha*. Parece, que em hum seculo, que se gaba de philosophico não devião apparecer questões do seculo de *Constantino*; mas como a Religião joga com a prosperidade Nacional he justo, que o Governo tenha nella alguma influencia, não para decidir os seus Dogmas, sim para ver se a sua disciplina he, ou não acomodada á tranquillidade do Estado.

Nós não sabemos com que razão sendo *Montesquieu* *Catholico* dizia, que o *Catholicismo* não quadrava ao Governo *Inglez*, e que só hera proprio para os Estados Monarquicos. Os grandes genios tem ás vezes seus paradoxos, e nós estamos firmemente persuadidos, de que o *Catholicismo* (de pido de antigos abusos) quadra a todos os Governos, e longe de gerar perturbações, he essencialmente gerador de bons Senhores, e bons Vassallos, porque préga a huns, e outros deveres reciprocos. Que culpa tem a Religião *Catholica* de alguns fanaticos ignorantes, e revoltosos, que tem shido do seu seio para perturbar as Nações? Por ventura pôdem elles apadrinhar a sua conducta com

algum texto dos Livros Santos? Mas em fim, como a questão do *Parlamento* he puramente politica, e como os opposcentes da *Emancipação Irlandeza* argumentão com a constituição civil da *Gran-Bretanha*, não nos he dado entrar em tão sublime questão; mas para recreio dos Leitores exporemos as excellentes observações, que fez sobre este debate o mais judicioso jornalista *Inglez*, que he o Redactor do *Times*.

“Pensão algumas pessoas, que se o Parlamento consentir nas reclamações dos Catholicos, elles ficarião logo em paz e submissão; porém he muito difficil que huma tempestade violenta feneça por huma repentina bonança; e como a porção mais turbulenta dos *Irlandezes* he aquella, que não experimenta alguma consequencia das restricções, ás quaes os membros mais distinctos de entre elles estão submetidos, não he de crer, que a maça do povo socegue com as pretendidas concessões. Parece que a questão não he bem entendida, nem bem posta por aquelles, que allegão, que o Culto da *S. Virgem*, a crença da transubstanciação, ou outra questão Theologica abstracta da Doutrina Catholica, he a causa da sua inferioridade civil no Estado. O facto he, que huma Religião, que reclama a infalibilidade, deve por sua essencia não só exigir ser tolerada, e gozar privilegios iguaes, como tambem exigir superioridade, porque como a verdade deve triumphar do erro, e como o Catholico se julga exclusivamente na posse da verdade não pôde olhar com igualdade para o Protestante, a quem julga no caminho da perdição, e do erro. Por tanto os Catholicos (eis-aqui todo o perigo) não querem a *Emancipação* senão como hum degráo para fazer dominar definitivamente a sua Igreja com exclusão dos Protestantes.

Além disto, se hum Monarcha *Inglez* em outro tempo fez do Papismo hum instrumento de dominação neste Paiz, tambem hum Imperador *Francez* poderá fazer outro tanto para obter aqui algum ascendente, e alguma influencia. O Santo Padre *Bonaparte* Catholico (porque de facto elle he actualmente Papa, ou elle o será hum dia) he huma Personage ao menos tão perigosa para nossas liberdades constitucionaes, como *Jacques Stuart* o Catholico, e como hum foi banido do Reino com justa causa, devemos ter o outro alongado por todos os modos possiveis. Se a *Emancipação* dos Catholicos pacificasse de todo as fermentações *Irlandezas*, e se o caracter da sua Religião não a ameaçasse a tranquillidade da nossa com risco de perturbar o Estado civil, então não teriamos a menor dúvida em conceder o que elles pedem; mas lembremo-nos das revoluções passadas, de que o Catholicismo foi causa. *Bonaparte* he o Papa, e talvez depois delle, o sejão todos os Imperadores *Francezes*; e se a Religião Catholica vier a ser dominante na *Inglaterra* ficamos sujeitos á *França* espiritualmente, e depois corporalmente. Mas, a pezar destas observações he preciso advertir, que as fermentações da *Irlanda* carecem prompto remedio. A *Irlanda* continúa de anno em anno a ser presa de incessantes discordias, e o Parlamento deve empregar toda a sagacidade no socego daquelle paiz. ”

E como socegará a *Irlanda* se não lhe concederem o que ella pede? Se a *Emancipação* dos Catholicos tem alguma risco imponhão-se-lhes algumas con-

dições de cautella ; quanto mais , que o espirito das Nações tem tido grandes mudanças em sentimentos religiosos ; a tolerancia domina hoje em toda a parte , e ninguém aborrece hum *Inglez* precisamente por ser Protestante. As intrigas civis fazem da Religião hum pretexto para se colorarem , e a Religião sempre está innocente de tudo.

B A H I A .

Huma embarcação , que aqui chegou de *Cabo Verde* conta : que encontrára huma *Fragata Ingleza* , e que o seu *Commandante* dissera , que hia para a *Serra Leoa* destinado a syndicar sobre as prezas , que a Sociedade philantropica tem feito sobre os nossos navios , que commerciavão em escravos. Temos toda a razão de esperar , que o *Governo Inglez* deslinde este importante negocio para que se desvaneca completamente de confianças , e ressentimentos , que nunca devem ter lugar entre Nações amigas.

Recebemos *Gazetas do Rio de Janeiro* até 12 de Junho : ellas andão , relativamente a nós , muito atrazadas em noticias da Europa , e dizem , que em *S. Paulo* , no *Rio grande* se tem feito grande número de recrutas , das quizes tem embarcado algumas para *Maldonado*

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 7. Do *Porto-Alegre* , Bergantim *Flor da Caridade* , Mestre *Benigno Rafael de Freitas* , 19 dias de viagem , carga 4500 arrobas de carne , 400 de cêbo , 311 de farinha de trigo , e 10 couros. Dono *José Francisco Pereira*.

Em 10. Do dito , Sumaca *Rainha dos Anjos* , Mestre *Antonio Alves da Costa* , 13 dias de viagem , carga 600 arrobas de carne , 400 de cêbo , e 10 couros. Dono *Joaquim dos Anjos*.

Em 12. Do *Rio Grande* , Sumaca *Lusitana* , Mestre *José Domingues das Neves* , 15 dias de viagem , carga 500 arrobas de carne , 500 de cêbo , e 300 couros. Dono *José Antonio de Siqueira Braga*.

A V I S O .

Harrisson Hayman e Companhia offereçe a frete , desta *Praça* para a do *Rio de Janeiro* , *Rio da Prata* , e *Cabo da Boa Esperança* a *Escuna Ferret* , *Capitão M. Lillan*.

Com Permissão do Governo.
B A H I A Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Seiva,